

NOITE DE INFORTÚNIO
(adaptação de UMA ÚNICA PALAVRA)

por

ANA M. M. SANTOS

FADE IN:

EXT. ALDEIA NO MEIO DA SERRA – DIA

Os chuviscos cessam.

Vê-se uma aldeia isolada no meio da serra, rodeada por pinheiros, alguns verdes, outros queimados. As casas são pequenas, caiadas, de telhados cor de laranja ingremes, e concentradas nas ruelas, desertas, que se ramificam até se perderem de vista na mata.

Uma brisa faz abanar as agulhas de onde reluzem gotículas de água e resina.

A maioria dos habitantes, idosos, encontra-se nas suas residências. Nas ruas ouvem-se os SONS do campo. A polícia está à porta do cemitério local.

EXT. CEMITÉRIO – DIA

O cemitério é pequeno e quase lotado de campas, umas com lápides de pedra antiga, outras delimitadas com terra e ornamentadas com arranjos de flores naturais já a querer secar.

À porta, num pequeno esquiife de madeira com interior de veludo, um telemóvel TOCA incessantemente. Recebe uma chamada anónima impossível de atender.

INSERT – TELEMÓVEL NUM CAIXÃO PEQUENO, onde se lê:

“Sem ID de Chamada”

FIM DO INSERT.

Dois POLÍCIAS de intervenção especial, fardados, munidos de escudos de proteção, observam a uma distância de segurança o aparelho que deixa de emitir SOM.

Em segundos, o telemóvel é consumido até só restar cinza e pequenas chamas no interior de veludo do pequeno caixão.

Os polícias aproximam-se, apagam as chamas e recolhem os restos como provas.

EXT. CASA DO POVO – DIA

Na ausência de esquadra, a casa do povo é o centro de operação das investigações. À porta do edifício, um aviso policial interdita a entrada aos habitantes da aldeia.

INT. CASA DO POVO, SALA DE REUNIÕES – DIA

A sala é ampla. Ao centro, uma mesa oval onde estão organizados os sacos com as provas dos crimes ocorridos na aldeia.

Na parede maior, oposta à entrada da divisão, há um mapa com os locais do crime, fotografias com sangue, registos telefónicos em branco e os bilhetes deixados nos lugares dos assassinatos estão dispostos de forma ordenada, unidos

cronologicamente por uma linha vermelha presa em alfinetes.

Num dos topos da mesa está JAIME, quarenta e cinco anos, estatura alta, magro, de calças de fato e camisa branca com as mangas arregaçadas, barba por fazer de poucos dias, estuda uns papéis escritos à mão que tem à sua frente.

Os polícias chegam com as evidências que recolheram. Pousam os escudos à porta e entram na divisão. Enquanto um dos polícias deposita as provas em cima da mesa, o outro preenche um formulário que se encontra num porta-revistas de parede, à entrada da sala. Coloca o formulário preenchido junto das provas.

POLÍCIA 2

(com ar
profissional)

Estão aqui as provas que
requisitou, detetive.

Jaime desvia o olhar dos papéis e fita o polícia enquanto coça o queixo.

JAIME

Alguma suspeita sobre quem esteja
por detrás destes crimes?
Viram alguém suspeito?

Os polícias entre olham-se. Com ar negativo, o polícia que depositou as provas em cima da mesa responde ao detetive.

POLÍCIA 1

Negativo, senhor, ninguém se aproximou do local.

JAIME

Muito bem, senhores. Obrigado pelo vosso excelente trabalho. Podem ir, estão dispensados.

Os polícias fazem continência e abandonam a sala.

Jaime certifica-se que a porta está fechada, corre os estores, liga os projetores que estão apontados ao quadro na parede, encosta-se à mesa e gesticula com uma caneta na mão direita. Percorre a linha cronológica dos crimes à distância. FALA alto, consigo mesmo, sobre o caso.

JAIME

(apreensivo)

Nada de suspeitos. O posto de comandos não vai gostar nada disto...

O detetive passa a mão no cabelo e prossegue.

JAIME

Isto é, sem dúvida, um assassino em série, mas nenhum dos aldeões se enquadra no perfil. Depois o nevoeiro, o sangue, as mensagens, a ausência dos corpos... Com tanto sangue de certeza que estão mortos, mas onde?

Jaime continua as indagações sobre o caso em SURDINA.

INT. CASA DO POVO – DIA

Os dois polícias bebem café numa máquina no “hall” de entrada do edifício, enquanto conversam um com o outro.

POLÍCIA 2

Será que o Jaime vai desvendar este caso?

POLÍCIA 1

Não sei, mas olha que ele é o melhor detetive da região.

POLÍCIA 2

Sim, eu sei, mas não achas melhor deixar que esta gente se mate uns aos outros? Tu já viste cada parolo que há para aqui? O melhor que o centro de comandos fez foi deixá-los ao abandono sem segurança.

O Polícia 1 dá um safanão no Polícia 2 e quase lhe derruba o café.

POLÍCIA 1

(agressivo)

Tás parvo ou quê? Já te esqueceste do que juraste ao vestir essa farda? Queres mesmo que reporte a tua atitude ao comandante que nos destacou?

O Polícia 2 dá um gole no café.

POLÍCIA 2

(indiferente)

E tu já viste que fomos
destacados para nenhures onde
Judas perdeu as botas? Só quero
voltar para casa. Espero bem
que as investigações continuem
sem dar nada para daqui a duas
semanas irmos todos embora.

POLÍCIA 1

(irritado)

E achas bem deixarmos esta gente
à sua sorte?

POLÍCIA 2

(calmo)

Foi assim que os encontrámos não
foi? Já pensaste que pode ser uma
maldição da aldeia que podemos
levar connosco? Cruzes!

O Polícia 2 benze-se.

POLÍCIA 1

(irritado)

Não sejas parvo, nem ponhas o
trabalho do Jaime em causa. E
põe-te fino a cumprir o teu dever,
se não quem te denúncia sou eu.

A conversa cessa e ambos acabam os cafés em
SILÊNCIO.

EXT. CASA DO POVO – DIA

Os polícias saem para patrulhar a rua no exato momento em que OLÍVIA, vinte e cinco anos, grávida, vai a passar. Veste um vestido leve, cor de rosa claro, que lhe faz sobressair a barriga, e um casaco de malha cor de vinho. Acena para os guardas que retribuem o cumprimento.

OLÍVIA

Boa tarde, senhores guardas.

O Polícia 2 tenta quebrar o gelo da conversa anterior e troca comentários com o Polícia 1.

POLÍCIA 2

(voz baixa)

Esta não é aquela que saiu de cá em pequena e voltou à aldeia recentemente para constituir família?

POLÍCIA 1

(desconfiado)

Sim, é. Porquê?

POLÍCIA 2

(gracejando)

Nem sabe ela onde se veio meter.

POLÍCIA 1

(reprovador)

Lá estás tu com as piadas outra vez. Não te metas e faz o teu trabalho.

Os polícias terminam o café e seguem na direção oposta à de Olívia.

EXT. RUELAS DA ALDEIA — DIA

Olívia percorre as ruelas da aldeia até casa. Pelo caminho, encontra vários aldeões característicos do local.

Junto à...

IGREJA

...encontra AMADEU, um senhor bastante devoto, de baixa estatura, cabelo apumado, calças de fato e camisa impecavelmente engomados, alfinete com uma cruz reluzente no colarinho e uma bíblia debaixo do braço. Olívia cumprimenta-o.

OLÍVIA

Boa tarde, senhor Amadeu.

AMADEU

(sopinha de massas)

Boa tarde, menina Olívia. Sei que está de graças, mas terá um momento para que lhe possa ler um versículo?

Amadeu segue Olívia por alguns momentos.

OLÍVIA

(gentil)

Lamento, senhor Amadeu, mas estou com alguma pressa. Noutra altura terei todo o gosto.

Olívia sorri.

AMADEU

(inquieto)

Já agora, viu o senhor Cristóvão?

OLÍVIA

Penso que foi para um retiro com o senhor prior. Ouvi falar qualquer coisa sobre um encontro entre padres e sacristãos, mas não tenho a certeza. Talvez o encontre noutra altura.

AMADEU

(desapontado)

Obrigado na mesma, menina...

Amadeu volta para a porta da igreja, cabisbaixo. Olívia segue caminho.

Mais à frente, num quiosque feito de alumínio que exhibe revistas com as novidades das mais recentes novelas, jornais do dia e algumas guloseimas, encontra JORGE. Média estatura, manco, de calções e t-shirt estampados, apoia-se na beirada do quiosque enquanto ajeita uma caixa de chupa-chupas cobertos de açúcar ácido.

Olívia dirige-se a ele para comprar o jornal da região. Jorge dá um salto quando ela se aproxima e coloca a mão no peito.

JORGE

(sobressaltado)

Que susto, menina Olívia. Um dia destes ainda me mata de coração.

OLÍVIA

(voz tranquila)

Tenha calma, senhor Jorge. Sou só eu. Não me diga que ainda lhe andam a fazer rusgas.

Jorge dirige-se para o interior do quiosque, a mancar, fechando a porta atrás de si, enquanto desabafa com Olívia.

JORGE

(aborrecido)

Sabe como é... As gentes desta aldeia não têm mais nada que fazer do que me meter em sarilhos.

Olívia escuta-o atenta, enquanto Jorge continua.

JORGE

Todas as semanas a mesma coisa. Não sei que pretendem encontrar. Droga? Um bordel?

Jorge solta um riso tímido. Olívia desvia o olhar e percorre os jornais à procura do jornal da região.

JORGE

Já disse aos senhores agentes que não há aqui nada além de papelada, contas para pagar e guloseimas. Mas não a tomo mais, certamente terá os seus afazeres. É o jornal do costume para o seu esposo?

OLÍVIA

É sim, senhor Jorge. Obrigada.

Olívia vasculha os trocos no porta-moedas para pagar o jornal, enquanto Jorge lho estende.

OLÍVIA

Já agora, aqui que ninguém nos ouve, o meu marido adorou a aguardente. Disse que era uma ótima pomada.

Jorge faz sinal de silêncio para Olívia enquanto sorri maliciosamente.

JORGE

(voz baixa)

Nem diga isso alto, menina Olívia, ou ainda me arranja problemas. Mas quando quiser mais é só dizer.

Jorge pisca o olho a Olívia.

OLÍVIA

Então vá, senhor Jorge, obrigada e até à próxima.

JORGE

(com um sorriso
largo)

Até amanhã, menina Olívia.

Olívia anda mais um pouco e, ao virar a...

ESQUINA

...encontra ERNESTO, um senhor que aparenta uns cinquenta anos, magro, cabelo desgrenhado, com

roupas um pouco esfarrapadas e um ar ligeiramente sujo, que vasculha um caixote do lixo enquanto pragueja entre dentes.

Olívia abranda o passo para passar despercebida e Ernesto nem dá por ela, continuando a vasculhar o caixote.

Uns metros à frente, Olívia passa pela garagem de Ernesto que olha de soslaio antes de seguir caminho. O lugar é um amontoado de tudo: pequenos móveis, estofos aqui e acolá, eletrodomésticos de várias dimensões, e uma larga bancada improvisada com uma carrada de ferramentas, porcas, parafusos e anilhas desorganizadas.

Quase a chegar a casa, a uma ponta da ruela, Olívia vê, à janela do primeiro andar, ELVIRA, sentada na sua cadeira de balanço atrás da janela.

De baixa estatura, com os seus sessenta anos, Elvira possui cabelo curto, grisalho, e uns óculos que segura na ponta do aguçado nariz. Veste um avental por cima da roupa, como a maioria das mulheres da aldeia.

Quando Olívia passa, Elvira abre a janela e fala em voz alta.

ELVIRA

Então, menina Olívia, como vai esse rapagão?

OLÍVIA

Já lhe disse que é uma menina, dona Elvira.

ELVIRA

Qual menina, qual quê? É um rapaz por certo! Vá pelo que a madre lhe disse, ela nunca falha. E essa barriga também não engana ninguém.

OLÍVIA

(educadamente)

Até logo, dona Elvira.

Olívia deixa Elvira a falar sozinha e começa a descer o caminho até casa.

INT. SALA DE ELVIRA — DIA

Elvira fecha a janela e senta-se na cadeira de balanço. Começa a baloiçar freneticamente, irritada.

Ao seu lado, em cima de uma mesinha pé de galo, está um bloco de notas gasto, cheio de rabiscos, e uma caneta pousada sobre ele. Agarra-o, abre o bloco de notas até à última página escrita e olha o relógio. Anota.

INSERT — BLOCO DE NOTAS GASTO, onde Elvira escreve:

"16:47

A Olívia pensa que engana as pessoas, mas aquela barriga não engana ninguém. Ousa ela desafiar a palavra da madre? Da madre? Garotelha malcriada!"

FIM DO INSERT.

Elvira continua a rabiscar no bloco furiosamente.

Os raios de sol entram pela vidraça, espalhando-se pelas pontas do cortinado que roçam amontoadas no chão a um dos lados da janela.

EXT. CASA DE OLÍVIA — DIA

Olívia introduz a chave na fechadura enquanto tenta segurar o jornal debaixo do braço.

A subir a rua vai CESALTINA, uma senhora entre os sessenta e os setenta anos, estatura média, cabelo curto encaracolado, olhos semicerrados, um xaile esfarrapado pendente num braço e um guarda-chuva gasto pendurado no outro.

Ao ouvir os passos, Olívia vira-se para trás e cumprimenta-a.

OLÍVIA
(tímida)

Boa tarde!?

Não obtém resposta. Olívia suspira e entra em casa, fechando a porta atrás de si.

OLÍVIA
(para si)

A mulher será mesmo muda ou só surda?

Encolhe os ombros. Pousa o jornal em cima da mesinha do "hall" de entrada e as chaves no chaveiro. Repara que as chaves do esposo estão no chaveiro.

Olívia pega no telemóvel e liga para o marido. Ouve o "voice-mail" do outro lado.

OLÍVIA

(preocupada)

Bolas. A terra dos tios não tem rede...

INT. SALA DE ESTAR DE OLÍVIA – FIM DE TARDE

Olívia, sentada num cadeirão à janela, tricota uma camisola de lã amarelo torrado. Para por momentos e olha pela janela. Vê Cesaltina passar por sua casa novamente. Antes de voltar ao tricô, passa a mão na barriga e sente um pontapé.

EXT. QUIOSQUE DE JORGE – INÍCIO DA NOITE

A luz do candeeiro de rua por cima do quiosque está intermitente. Lá de dentro saí uma luz alaranjada por entre a persiana de alumínio.

BIANCA, de dezoito anos, vestida com roupas reduzidas, cabelo desgrenhado, com olhar distante, ajeita a minissaia enquanto saí do quiosque. Guarda um maço de notas no sutiã e caminha com dificuldade, empoleirada nos saltos altos agulha, pela calçada portuguesa.

EXT. RUELAS DA ALDEIA – INÍCIO DA NOITE

A bruma adensa-se. Ouvem-se os TRINCOS das portas a serem corridos, casa após casa. As luzes dos candeeiros de rua tornam-se difusas no meio do nevoeiro.

Ernesto olha desconfiado para o exterior, verificando se alguém se encontra na rua, mesmo antes de correr com força o portão da garagem e trancar tudo a cadeado.

INT. SALA DE ESTAR DE OLÍVIA – NOITE

Ouve-se o TIQUE-TAQUE do relógio de pendulo. Olívia espreita à janela uma e outra vez, inquieta. Olha o relógio de pulso, depois o telemóvel e novamente pela janela.

Bebe uma chávena de chá fumegante que pousa no parapeito da janela. O vapor que saí da chávena embacia ligeiramente o vidro. Não existe vivalma além dela na habitação.

INT. HALL DE ENTRADA DE OLÍVIA – NOITE

Olívia desferrolha a porta. Uma pinga de suor frio escorre-lhe pelo rosto.

INT. QUARTO DE OLÍVIA, GUARDA-FATOS,
COMPARTIMENTO ESCONDIDO – NOITE

Na penumbra, Olívia afasta a roupa do guarda-fatos e retira uma porta falsa. Coloca-se dentro de um compartimento escondido atrás

da porta, volta a pôr a roupa no sítio e, em seguida, a porta falsa. Acomoda-se e adormece profundamente.

EXT. CASA DE OLÍVIA — MADRUGADA

O nevoeiro dissipa-se lentamente, deixando a lua cheia começar a iluminar a aldeia.

Um carro chega e desliga os faróis. Dele sai AUGUSTO, o marido de Olívia. Perto de trinta anos, de estatura média, barba cerrada, veste um casaco apertado até ao cimo, calças de ganga, e calça umas sapatilhas.

Dirige-se à habitação enquanto esfrega as mãos para as aquecer. Repara que a porta está entre aberta. Para e entra, receoso, pé ante pé.

INT. HALL DE ENTRADA DE OLÍVIA — MADRUGADA

A divisão está na penumbra. Apenas a luz exterior da porta aberta ilumina o "hall". Augusto avança uns passos e pisa um papel. Baixa-se para o agarrar e semicerra os olhos para o conseguir ler.

Atrás dele, a porta fecha-se de rompante. Estremece. O olhar semicerrado de Cesaltina surge da escuridão, e posiciona-se sobre o ombro esquerdo de Augusto.

Coloca-lhe o guarda-chuva encostado às costas, e o xaile roça ao de leve o chão, pendente do braço dela.

Pela primeira vez é ouvida a voz de Cesaltina que lê o bilhete.

CESALTINA

(voz firme)

Cheguei!

Augusto larga o bilhete que esvoaça lentamente, como uma pena, até ao chão. Cesaltina força o guarda-chuva ainda mais contra as costas e pressiona um botão que aciona uma lâmina que sai na extremidade encostada a ele.

A lâmina perfura alguns órgãos. Augusto começa a sangrar da boca e do orifício perfurado. O sangue escorre lentamente até ao chão formando, pouco a pouco, uma poça. Augusto desmaia.

Cesaltina limpa a lâmina a uma ponta do xaile e recolhe-a. Utiliza a outra ponta do xaile para abrir a porta. Abandona a habitação, deixando a porta aberta, onde a luz do luar ilumina o cenário macabro.

Minutos depois, o vulto de Cesaltina ressurgue à porta com uma serra elétrica de baixo ruído.

Lentamente, começa a desfazer-se do corpo de Augusto.

FADE OUT.

FIM

